



## MULHERES DE LUTA: A DINÂMICA DO FEMINISMO SENDO CONSTRUÍDA PELA AGROECOLOGIA DENTRO DA UNIVERSIDADE E A INFLUÊNCIA DO GRUPO AGROECOLÓGICO DA UFC NESTE PROCESSO<sup>1</sup>

FORTE NETO, Francisco Tavares<sup>2</sup>; VIEIRA, Mariana Gomes<sup>3</sup>

<sup>2</sup>Graduando em agronomia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, netofortee@gmail.com

<sup>3</sup>Graduanda em agronomia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, viemariana@gmail.com

### RESUMO

O presente trabalho é oriundo das atividades desenvolvidas pelo Grupo Agroecológico da Universidade Federal do Ceará (GAUFC). Tais atividades propostas pelo grupo, oportunizam aos membros colocar em pauta assuntos poucos vistos dentro da academia, como a discussão de gênero e oposição ao modelo convencional de agricultura, fortemente disseminado no projeto político pedagógico do curso de agronomia de muitas universidades. Dessa forma, o presente trabalho objetiva relatar a experiência de desenvolvimento do debate sobre o feminismo por meio da percepção agroecológica e a influência exercida por meio das atividades oferecidas pelo grupo. Contudo, nota-se uma evolução do comportamento das mulheres, sejam elas estudantes, profissionais das agrárias ou agricultoras, em relação ao modelo patriarcal empregado na sociedade ao longo da história, e são experiências como as adquiridas no grupo agroecológico e, em outros espaços de discussão, que promovem tais avanços do feminismo em todos os âmbitos da sociedade moderna. **PALAVRAS-CHAVE:** Agroecologia; Feminismo; Grupo Agroecológico; Universidade.

### INTRODUÇÃO

No primórdio do desenvolvimento das universidades, a criação do curso de agronomia se deu de forma imediata, devido à necessidade, por parte dos filhos dos grandes fazendeiros, de dispor do conhecimento teórico-prático para exercer a profissão nas propriedades de seus pais. Dentro deste contexto, o curso interviu como difusor de ideais machistas durante toda a sua construção até os dias atuais, servindo de meio separatista e excludente para com o gênero feminino. Contudo, diante do progresso dos ideais feministas aliados a uma maior percepção dos infortúnios causados pelo sistema patriarcal, nota-se um acréscimo no número de mulheres que escolhem seguir nessa área. De acordo com Matos (2008), houve uma exclusão que persistiu por séculos e impediu que as mulheres tivessem participação na área da produção científica e filosófica, causada principalmente pelas matrizes religiosas e pelas organizações científicas.

Seguindo a contextualização acerca do assunto, segundo Siliprandi (2015):

Embora comparativamente hoje as mulheres dos países ocidentais estejam, em termos de direitos civis, em situação infinitamente melhor do que se encontravam no início do século XX, ainda persistem desigualdades flagrantes na comparação da sua situação com a dos homens, tanto no que diz respeito às condições estruturais e econômicas, de acesso aos meios físicos para a sua sobrevivência (ao trabalho, à propriedade, ao poder político), como com relação à possibilidade de realização de projetos autônomos de vida, por conta da manutenção de padrões de gênero fortemente

<sup>1</sup> Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes.



excludentes (SILIPRANDI, 2015, p.35).

Apesar da ascensão do número de mulheres dentro da universidade, e que optam por atuar no campo, sua inserção neste espaço está rodeada por inúmeras arbitrariedades, visto que a maioria dos cursos de engenharia agrônoma são construídos com base na agricultura convencional. Com isso, não há um núcleo organizacional que fortaleça as discussões sobre gênero dentro da universidade nem no ramo profissional. De acordo com Guerra e Bonfim (2007):

Dentro do amplo campo em que o estudo das relações de gênero foi abordado, verificou-se a existência de nexos existentes entre o setor da formação e o setor da produção agropecuária: de um lado as escolas voltadas “naturalmente” para atender a um público masculino e do outro, os empregadores que não disponibilizam alojamento feminino (assim como as escolas) e veem nos homens as habilidades necessárias para desempenhar a função de técnico agrícola (GUERRA e BONFIM, 2007, p. 1).

Além das dificuldades na discussão de gênero, o agronegócio ocasiona diversos problemas ambientais, pois esse sistema de exploração e produção utiliza o pacote tecnológico difundido desde a época da revolução verde. O resultado obtido a partir desse fato é a implantação do modelo de monocultivo com a utilização de transgênicos, resultando em uma diminuição da biodiversidade, além da utilização de insumos químicos como fertilizantes e pesticidas, degradando e contaminando os solos e recursos hídricos. Outro impacto de grande relevância, porém pouco mensurado, é a consequência deste sistema no âmbito social, enfraquecendo o agricultor familiar e coagindo-o a se utilizar das estratégias citadas acima, gerando uma dependência deste modelo e diminuindo as relações com a terra e com outros camponeses.

A desconstrução dos modelos convencionais de desenvolvimento e agricultura, seguida da desmistificação do conceito genérico de desenvolvimento sustentável gerado no seio dos próprios organismos internacionais de desenvolvimento, tem por objetivo abrir caminhos para a compreensão de que os graves problemas socioambientais enfrentados pelo meio rural não podem ser resolvidos apenas com o desenvolvimento tecnológico, ainda mais sendo este empreendido pela mesma ciência que provocou tais problemas (MOREIRA; DO CARMO, 2007, p. 511).

Em contrapartida ao modelo convencional, encontra-se a agroecologia, ciência e estilo de vida que muitas vezes é atingida pelo reducionismo, sendo tratada somente como um modo de produção sustentável. De acordo com Caporal e Costabeber (2002), é necessário que haja a correta assimilação do conceito de agroecologia para evitar a elaboração de percepções incorretas ou que possam confundir as metas e objetivos dos estudiosos e praticantes deste conceito.

Para Caporal (2006 apud Bortolucci et al. 2017):

Agroecologia é entendida como um campo de conhecimentos, de natureza multidisciplinar, que pretende contribuir na construção de estilos de agricultura de base



ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, tendo como referência os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional de longo prazo (CAPORAL 2006 apud BORTOLUCCI et al. 2017, p. 2).

Contextualizando a concepção citada anteriormente, a agroecologia engloba diversos aspectos tanto científicos quanto sociais, dentre eles está a questão de gênero e inclusão da mulher como elemento indispensável na dinâmica do campo, tanto quando se trata das camponesas quanto das profissionais das ciências agrárias que atuam no interior.

Ao relacionar-se com os movimentos camponeses de agricultoras, a discussão de gênero, por meio da agroecologia, visa fortalecer o empoderamento dessas mulheres, demonstrando seu protagonismo no desenvolvimento da agricultura familiar, além de conectar vivências e experiências entre agricultoras, favorecendo assim o sentimento de pertença e de identidade com a sua luta. Já na universidade, este debate é proporcionado por meio das atividades e estudos promovidos pelos grupos agroecológicos e permaculturais, promovendo assim a fortificação da consciência de luta, objetivando sempre minimizar as opressões vividas na academia e no campo, além de desenvolver um elo de militância entre as profissionais e as agricultoras, fazendo com que haja um vínculo de proximidade envolto em relações de sensibilidade e compreensão entre as duas categorias.

Destacando a ação da discussão de gênero por meio da agroecologia dentro da academia, é importante salientar o papel do Grupo Agroecológico da Universidade Federal do Ceará como núcleo de formação acerca da temática, propondo atividades e formações a respeito da desconstrução de pensamentos patriarcais, além de concepções pertencentes à agricultura convencional. Por meio das vivências agroecológicas e permaculturais, o grupo atua também como agente fortalecedor do aprendizado teórico-prático, mostrando a realidade da mulher e do homem do campo.

Levando em consideração o que foi explanado anteriormente, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de desenvolvimento do debate sobre feminismo, por meio da percepção da agroecologia e, a influência exercida por meio das atividades oferecidas pelo Grupo Agroecológico da UFC, neste processo.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho tem, como metodologia utilizada, o relato de experiências de caráter qualitativo, aliado a revisão bibliográfica para um melhor embasamento teórico e internalização do assunto proposto, feito pela autora que é integrante do grupo. Para isso, foram citadas atividades de formação do Grupo Agroecológico que foram oferecidas tanto na universidade Federal do Ceará como em vivências permaculturais feitas em Tururu – CE, entre os anos de 2018 e 2019.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Fagnoli e Maia (2009), o grupo agroecológico da UFC nasceu, em meados de 1996, da necessidade de se debater estratégias de resistência frente ao modelo tradicionalmente reproduzido na universidade, que corrobora com a formação de profissionais que posteriormente serão atuantes no núcleo do agronegócio, modelo esse, tido como insustentável. Assim como a maioria dos cursos de agronomia presentes nas universidades brasileiras, o mesmo não usufruía de uma abordagem transdisciplinar, que evidenciasse a importância de um pensamento sustentável.

Durante o progresso do grupo ao longo dos anos, por meio da agroecologia, foi-se evidenciando a importância da discussão sobre feminismo e gênero para todos os membros. Contudo, durante o ano de 2018, com a ascensão de um modelo governamental que se demonstrou adverso a vários conceitos defendidos pelo grupo, realçou-se a necessidade de ampliar as discussões e os espaços acerca dessa temática, gerando reflexões acerca do feminismo retratado no campo e na cidade. Com isso, as mulheres do grupo conseguiram impulsionar a capacidade de diálogo com pessoas de fora, além de estimular a equidade de gêneros nas atividades e principalmente gerar a reflexão nos membros homens do grupo.

As principais atividades que abordam o viés do feminismo propostas pelo grupo são, na maioria das vezes, de caráter formativo. Os espaços podem ser auto organizados ou de caráter misto, integrando simultaneamente não somente aspectos da discussão feminista mas também questões que englobem a agroecologia como linha de pensamento. Faz-se necessário, dessa maneira, salientar a importância desses espaços, visto que muitas vezes as próprias mulheres do grupo reproduzem atos machistas, essencialmente pelo fato de que a construção dessas posturas acontece em decorrência do desenvolvimento do modelo patriarcal pela sociedade. Através disso, as mulheres que frequentam os debates são encorajadas a desenvolver o empoderamento também dentro da sala de aula, já que muitas disciplinas do curso são ministradas por professores altamente machistas e intolerantes, que colocam as estudantes em situações extremamente desconcertantes baseando-se na forma antiquada, geralmente reproduzida pelos eixos da agronomia convencional. O posicionamento das mulheres do curso de agronomia é extremamente favorável pois, atualmente o perfil do estudante de agronomia da Universidade Federal do Ceará passou por uma reconfiguração, em virtude de um maior número de mulheres matriculadas no curso, representando assim o fato de que a maioria dos estudantes do curso são do sexo feminino.

Além dos espaços dentro da universidade, são propostos também debates em vivências de campo no interior, por meio dos planejamentos semestrais do grupo. Estes espaços se demonstram como uma ótima oportunidade de conhecer, entender e internalizar a situação da mulher do campo, já que nestes eventos a agricultora detém espaço para demonstrar sua realidade, favorecendo a troca de saberes devido ao seu grande conhecimento popular.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conteúdo do presente trabalho pode-se notar a importância de espaços para a discussão de gênero dentro da academia, pois por meio deste é possível tornar as discentes aptas e empoderadas ao debate feminista, assim tornando-as profissionais conscientes de seu papel junto com as agricultoras, o que faz um elo entre as mesmas no combate ao patriarcado impregnado na sociedade seja rural ou urbana. Desta forma o Grupo Agroecológico da Universidade Federal do Ceará é um bom exemplo para outras universidades para ampliar o debate de gênero entre todos os componentes da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

BORTOLUCCI, Heytor Balduino; ALMEIDA E PROCIDIO; Yara Awety; GUIARD, Jaurés Barbosa; PEREIRA, Letícia Macêdo; SANT'ANA, Antônio Lázaro. **Análise de Oficina Sobre Compostagem em um Assentamento Rural de Ilha Solteira – SP**. 2017.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.

FAGNOLI, Coubert Antonino; MAIA, Adelita Chaves. Grupo Agroecológico GAUFC: Histórias e Experiências em mais de uma década de lutas. **Rev. Bras. De Agroecologia**, v. 4 n. 2, p. 2956, 2009.

GUERRA, Oldênia Fonseca; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. O ensino agrícola e a inserção de mulheres e homens no mundo do agronegócio. **A pesquisa como mediação de práticas socioeducativas**. Teresina: EDUFPI, v. 1, p. 197-206, 2007.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**, 16(2), 333-357, 2008.

MOREIRA, Rodrigo Machado; DO CARMO, Maristela Simões. A agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.